

A ARTE PERDIDA DE AMARRAR RAMINHOS DE FLORES

Jennifer Pereira Gomes¹
Fernanda Maria Abreu Coutinho²

RESUMO

Pelo senso comum contemporâneo Infância e Morte deveriam ser apartadas uma da outra, pela preservação da própria criança, para que seus olhos sejam desviados do sofrimento. Deve, portanto, a criança ser poupada de qualquer tipo de violência ou tristeza, como a doença e a morte. Nesses dois episódios geralmente emerge outra figura: a do médico. Em “Josefina”, conto de Cecília Meireles, o encontro e velório da personagem homônima são relatados do ponto de vista de sua amiguinha. Junto à narrativa da dor da perda sentida pela criança narradora, a ausência do médico e de um tratamento adequado são as tônicas do conto.

Palavras chave: Morte. Infância. Narrador.

ABSTRACT

By common sense and contemporary costum Childhood and Death should be separated from each other, for the preservation of the child, so that your eyes are diverted from suffering. Therefore, children should be spared any violence or sadness, as disease and death. In these two kinds of episode usually another figure emerges: the doctor's. In “Josefina” tale of Cecília Meireles, the meeting and the funeral of the eponymous character are counted from the point of view of his little friend. Along the narrative of the pain of loss felt by the child narrator, the absence of a physician and an appropriate treatment are keynotes of the story.

Keywords: Death. Childhood. Narrator.

Infância e Morte: separadas?

Infância e morte são temáticas que parecem estar separadas à primeira vista. Se observarmos o comportamento contemporâneo frente à ideia do morrer, poderemos a ele vincular campos semânticos ligados ao medo e à distância. Ele é negado. Uma vez que experimentar a vida é algo relacionado à fruição, ao prazer, assim como ao trabalho e às conquistas, não há espaço para a morte, que deve ser afastada: quem fala em morte é considerado “mórbido” (ARIÈS, 2012, p. 143). Tais assuntos jamais deveriam ser tocados na presença infantil, e quando isso é inevitável buscam-se diversos eufemismos (“foi morar no céu”, “está viajando”, “está dormindo”). A infância é vista, geralmente, como um espaço dedicado à inocência, às brincadeiras, às pequenas maldades, à despreocupação. A criança deve, portanto, ser protegida das coisas “feias” da vida: da morte, da doença, da violência, da tristeza. No entanto a morte, bem como a infância, são considerados temas universais da Literatura.

É certo que há diversas narrativas relacionadas com a morte, lenta ou súbita, com o que pode haver além dela, com o momento final da vida: a cabeceira da morte, ou mesmo com outros momentos rituais como velórios e enterros. Na maioria das vezes estaremos frente a narrativas de dor e sofrimento – ou mesmo de libertação. Nesse artigo selecionamos o conto “Josefina”, de Cecília Meireles, publicado em *Giroflê, giroflá* (1956), livro que é iniciado pela cantiga de roda homônima e seguido por sete contos, seis deles nos apresentam personagens femininas infantis; são meninas de tempos e lugares diferentes. Todas as histórias se passam no “Tempo do giroflê” e nos trazem a sensação da nostalgia: *Ah, mas as pálidas imagens ainda resistem: saem dos seus primitivos lugares, aparecem onde não as esperávamos, desdobram-se de outras figuras que nos apresentam, acordam as primeiras experiências, as indelévels curiosidades do nosso amanhecer no mundo* (MEIRELES, 2003, p. 8). As imagens formadas nesses contos nos levam a esse tempo no qual a infância era mais inocente e doce, os costumes eram considerados sabedoria e os acontecimentos do cotidiano eram mais simples.

¹ Mestre em Letras (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC). Desenvolveu, junto à orientadora a seguir citada, estudo da prosa de Cecília Meireles com suporte da CAPES. E-mail: jenniferpereira@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC e orientadora do projeto supracitado. E-mail: fernandacoutinho2@gmail.com.

Morte e Infância

Na sociedade contemporânea ocidental não se costuma falar abertamente da morte. (ELIAS, 2011, p. 15; WOLFF, 2007, p. 17). Desviamos nosso rosto dela, mas, como nos revela Carlos Drummond de Andrade em sua poesia “Como encarar a morte”, em algum momento ela não apenas nos chega perto, mas a vemos “De dentro”: *Agora não se esconde mais. /Apresenta-se, corpo inteiro, /se merece nome de corpo/ o gás de um estado indefinível.* (ANDRADE, 2007, p. 57). Essa indefinição faz aflorar o medo de perdermos a nós mesmos na escuridão da não-existência, ou mesmo de saber que nossas pessoas queridas um dia serão perdidas para sempre nesse vazio(?).

Em *O homem perante a morte* e *A história da morte no Ocidente*, Philippe Ariès debruça-se sobre os costumes culturais que envolvem a morte na antiguidade, passando pelas práticas culturais, pelos costumes dos séculos V e X, e com detalhe a partir do século XIII até a modernidade. De acordo com o teórico, a presença da morte no cotidiano era muito mais patente no passado do que hoje: *Morria-se sempre em público. [...] nunca se estava fisicamente só no momento da morte. Hoje, já só tem um sentido banal, porque há realmente todas as probabilidades de se morrer na solidão de um quarto de hospital.* (ARIÈS, 2000, p. 29). Inclusive as crianças tinham acesso aos corpos dos mortos comumente, por volta do século XVII (ELIAS, 2011, p. 30-31). Assim como o adulto, a criança participava dos momentos finais de seus parentes, participava mais naturalmente da morte do outro, ao contrário das épocas mais atuais, nas quais a morte não pode ser dita. De acordo com Ariès: *[...] A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome.* (ARIÈS, 2012, p. 40).

O medo da morte, do ponto de vista filosófico, seria o medo em seu fundamento, isso significa dizer que todos os outros o incluem em maior ou menor grau (DELUMEAU, 2007, p. 41). *O medo consciente, humano, não tem outro conteúdo a não ser a própria morte [...]* (WOLFF, 2007, p. 22). Mas o medo é também ligado à sobrevivência humana. No ensaio “Elogio do medo” Maria Rita Kehl assim o define:

é uma das fontes da fantasia e da invenção, [...] grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado. [...] É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Mas em razão dele desenvolvemos o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência [...] (KEHL, 2007, p. 89).

Desse ponto de vista podemos ligar a infância ao medo e à morte: a curiosidade da criança que a faz assumir

riscos, buscar aventuras e, conseqüentemente, sentir medo e preservar sua existência (KEHL, 2007, p.89). Entretanto o adulto costuma tentar proteger a criança do contato com a morte (infundindo nela ainda mais medo): *Uma vaga sensação de que as crianças podem ser prejudicadas leva a se ocultar delas os simples fatos da vida que terão de vir a conhecer e compreender.* (ELIAS, 2011, p. 26). O que se busca incessantemente é o desvio do olhar da criança da morte. O adulto esconde dela a realidade mais comum; a da certeza de que um dia irá morrer; e a inclui na dança macabra de se esconder da ceifadora, como ele tem feito desde muito jovem.

Outra maneira de ocultar a morte das crianças é, segundo Norbert Elias, em seu livro *A solidão dos moribundos*, a prática do eufemismo em relação à distância dos mortos – pode-se dizer a uma criança que seu avô “está no céu” ou que seu irmãozinho agora “é um anjo” – isso [...] *mostra quão firmemente arraigada está em nossa sociedade a tendência a ocultar a finitude irrevogável da existência humana, especialmente das crianças [...] e a assegurar o encobrimento por uma rígida censura social estrita.* (ELIAS, 2011, p. 48-49).

O enterro pode ser o momento onde esse ocultamento tenta ainda mais proteger as crianças que sofrem. No velório de Josefina, a narradora observa os adultos irem e virem, enquanto ela “ficava por ali, triste, despercebida” (MEIRELES, 2003, p. 16). Ela também será deslocada pelos adultos, não verá o enterro de sua amiguinha:

E não soube mais nada: não me deixaram ver o resto. Certamente para que eu não sofresse. *Mas eu já tinha sofrido tudo.* [...] E indagavam uns para os outros: ‘Que veio [Josefina] fazer a este mundo?’ Então, meus olhos enchiam de água [...] e dentro de mim repetia a mesma aquela mesma pergunta. (MEIRELES, 2005, p. 18, grifo nosso).

Mesmo a boa intenção do encobrimento da morte com vistas a aliviar o sofrimento infantil não levou em conta sua capacidade de compreensão da realidade. Tentou-se desviar o olhar da criança do corpo de sua amiguinha morta, mas já era tarde para aliviar seu sofrimento. A criança é instada a ocupar uma posição de dependência em relação ao adulto.

Infância e dependência

Estudar a infância traz a visão do outro, no caso o adulto, sobre a realidade da criança, que impossibilitada teoricamente de pesquisar a si mesma, pode ser tomada por um infante silencioso – e aqui é possível retomar uma noção de dependência em relação ao adulto, que deve guiá-la, ensiná-la a viver – a partir do próprio vocábulo e apoiar-se na etimologia: “As palavras *infante*, *infância* e demais cognatos [...] recobrem um campo semântico estreitamente ligado à ideia de ausência da fala.” (LAJOLO, 2009, p.225, grifo nosso) – e torna-se objeto de estudo instigante.

Em resposta a isso, entre outros caminhos (de cunho psicológico, antropológico, literário etc.), os estudos sobre a infância contribuem de maneira significativa para o conhecimento das condições de vida das crianças ao longo da história. Um dos estudos mais famosos acerca da formação da infância do ponto de vista social na história é creditado ao teórico francês Philippe Ariès, no livro *História Social da Infância e da Família*. Ariès concentra-se sobre o período da Idade Média, em especial a partir do século XIII, e propõe a tese de que a separação entre os mundos adulto e infantil se realiza efetivamente em meados do século XIII. E acreditamos que se tornaram mundos diferentes: “[...] desde que as crianças eram expulsas do mundo adulto, fazia-se necessário achar outro mundo para elas habitarem. Esse outro mundo ficou conhecido como *infância*.” (POSTMAN, 1982, p. 20 *apud* KENNEDY, 1999, p.138, grifo).

Um mundo que pressupõe regras de conduta (jogos, brincadeiras e brinquedos, afastamento das atividades de trabalho, presença na escola etc.), mas que se mantém sob o cuidado do outro: “[...] os adultos *constroem* a infância, com base em imagens culturais predominantes muito arraigadas, combinadas com resíduos de suas próprias infâncias.” (KENNEDY, 1999, p. 153, grifo do autor).

Por aquela impossibilidade de fala (CORAZZA, 2000, p. 129; BOTO, 2002, p. 56-7; KUHLMANN JR., 1998, p.16; LAJOLO, 2009, p.225; MATA, 2010, p.153), a criança passa a ocupar o lugar de um “outro”, cuja alteridade é precária, que se encontra incapaz de assegurar, ou fundamentar, por si mesmo uma identidade reconhecida teoricamente (LAJOLO, 2009, p.226; MATA, 2010, p.12). O signo da criança, inclusive do ponto de vista das denominações voltadas aos pequenos, estaria ligado a sua dependência dos adultos; as expressões utilizadas para se dirigir às crianças eram antes aplicadas em relações de natureza servil (ARIÈS, 1981, p. 11; HEYWOOD, 2004, p. 29): como as palavras *filis*, *valets*, *garçons* que, segundo os teóricos, eram utilizadas para indicar as relações de dependência feudais e senhoriais. “Um *petit garçon*” (menino pequenino) não era necessariamente uma criança, e sim um jovem servidor [...]” (ARIÈS, 1981, p. 11).

A Infância, a inocência e o sofrimento

A concepção mais comum de representação da infância alude ao aspecto inocente³, ingênuo, natural da criança e idílico/edênico da infância (CHOMBART DE LAUWE, 1991, p. 58-60; KENNEDY, 1999, p. 150-1; LAJOLO, 2009, p.228-30; MATA, 2010, p. 17). A infância feliz e tomada com otimismo e saudosismo é herança da adoção do movimento romântico na Literatura Brasileira, onde não raro a criança é sinônimo de esperança.

3 A maior parte dos estudos acerca da infância, seja do ponto de vista histórico, seja sobre a representação na literatura, apontam que essa concepção vincula-se à forma como a temática foi abordada pelo Romantismo.

A oposição mais aparente é uma abordagem da infância idealizada por imagens de sofrimento e amargura (RESENDE, 1988, p.54; LAJOLO, 2009, p.232-6; MATA, 2010, p. 18-9, 29, 163). A criança, desvalida, sofre violência dos demais personagens (adultos ou crianças), do ambiente ou mesmo da comunidade. Por vezes, é redimida pela dor ou levada pela morte, que pode se assemelhar a um alívio.

No conto escolhido a criança apresenta aquela natureza inocente: em tudo Josefina é delicada, silenciosa, bela. No entanto, mescla-se a essa característica a sombra do sofrimento: a solidão e a doença tingem a personagem de uma suave tristeza.

Os ritos que acompanham a morte em “Josefina”

No universo de “Josefina”, como dissemos, somos remetidos a um momento em que a vida era bem mais simples. Os costumes descritos nos contos de *Giroflê*, *giroflá*, tais como as cantigas de roda e os tipos de brincadeiras das crianças, poderiam situar esse período como semelhante ao início do século XX. Se levarmos em consideração a natureza memorialística imputada ao texto, essa possibilidade ganha certa assertividade, uma vez que a infância da própria autora acontece nas primeiras décadas de 1900. Os hábitos relacionados aos ritos que acompanham a morte acompanham a época aludida; concentramo-nos, aqui, na narração do velório no conto.

No velório

A pequena narradora conta como é o funeral da menina Josefina e registra inclusive a atmosfera daquele momento. São impressões auditivas, olfativas, que também contribuem para formar a cena que lembra à criança uma “estranha festa”: aonde antes ninguém ia, onde reinava a solidão e o silêncio (“Não tinha pai nem mãe”), após a morte da personagem título enche-se de gente, é servida bebida, as pessoas conversam (ainda que em sussurros), e choram “como se fosse formalidade”:

De modo que a morte de Josefina foi como uma estranha festa. Não tinha pai nem mãe. (Só podia ter sido sem pai e sem mãe.) E havia umas velhinhas que choravam de vez em quando, sempre que o olhavam para seu claro rosto imóvel entre os bandós do cabelo negro, sob a coroa de prata. E quem entrava também chorava um pouquinho, como se fosse formalidade. E aspergiavam-na com um raminho de alecrim molhado num copo d’água, e rezavam de mãos postas, e desapareciam na sombra. E ela, em prata e cetim, brilhava como um espelho. [...] E respingavam a morta com água canforada, como se o seu corpo fosse um canteiro de seda.

[...]

A casa pobre e apertada cheirava a chácara, a cera, a luz, a café. Porque serviam café numas xicrinhas

de beijo lascado, como se fosse parte do cerimonial sorver-se um gole, enxugar-se o bigode, fazer-se tinar a colherzinha no pires. Depois, sentados em redor, esperavam. Esperavam que o tempo passasse. Rezavam, choravam e conversavam muito baixinho. (MEIRELES, 2003, p. 16-18).

Esse ato de aspergir água sobre o morto é relatado como costume do final do século XIX e começo do século XX na França (ARIEËS, 2012, p. 209). Na expressão daquele hábito, era utilizada água benta, no conto esse gesto se repete: a menina narra que se utiliza um raminho e água alcanforada, no entanto a inocência da menina morta, suas vestes de anjo, a simplicidade do gesto atribuem uma tonalidade sagrada ao ambiente, por meio do rito. Cumpre-se um protocolo simbólico, um “cerimonial” que inclui rezar, chorar, esperar. Os adultos sofrem e realizam as tradições do cerimonial adequado para a ocasião: um tipo de festa sem risos, uma celebração sem prazer.

Há uma separação distinta entre o mundo infantil e o mundo adulto. Essa diferença manifesta-se visivelmente pela ausência do colar de contas de Josefina e de seus raminhos de flores, tão caprichosos.

As contas de Josefina

Existem objetos que se ligam de uma maneira especial à personagem. Esse tipo de peça traz, de alguma forma, características da personalidade de seu possuidor, conta-nos um pouco da sua história. A importância do artefato insere-se na dialética entre a fetichização (produtos em massa) e o objeto de arte: para melhor situá-lo Violette Morin (1969) propõe uma nova categoria, a do “objeto biográfico”: seja essa peça artesanal e única, seja ela industrializada, agora o que irá diferenciá-la dos outros é sua participação da vida íntima do seu dono, ou possuidor.

O primeiro faz [objeto dito biográfico] parte não só do ambiente, mas também da privacidade ativa do usuário (Umwelt), o objeto e o usuário, em casos como estes, podem ser tomados reciprocamente e serem modificados um pelo outro, através da mais estreita sincronia. (MORIN, 1969, p. 133, tradução nossa)⁴.

A narradora encontra Josefina num jardim aparentemente abandonado, que se torna “o mais belo jardim do mundo” por conta da presença da personagem título. As meninas se entretêm fazendo raminhos de flores:

Era, porém, o mais belo jardim do mundo, porque Josefina passava por ali, e suas saias crepitavam nas folhas

secas, e seus dedos tão brancos armavam raminhos com malvas, miosótis, amores-perfeitos, – raminhos de trazer ao peito, de colocar diante dos santos, de pousar nas mãos dos mortos... [...] (MEIRELES, 2003, p.13)

Apesar de muito sóbria e delicada, quase triste (“parecia uma viúva pequenina”), a imagem de Josefina se “alegra” com seu colar de contas “feitas de água e de céu”:

Ela ainda era menina, mas vestia-se como uma pessoa antiga: parecia uma viúva pequenina. Apenas um colarzinho iluminava esses vestidos tristes: era de contas lisas, umas contas de vidro tão roliças, tão lustrosas, que pareciam colhidas num rio, e guardavam a transparência e a fluidez das águas, e eram mais azuis que o céu. Esse colar alegrava os vestidos, alegrava tudo: de longe se via o seu colar, antes de se avistarem os olhos de Josefina, que eram tão bonitos mas tão tristes, veludosos, quietos lilases, como os de um coelho branco. (MEIRELES, 2003, p.14)

Ao longo do conto, sabemos que Josefina morrerá por conta da doença que a enfraquece. O colar de contas e os arranjos de flores, que só ela sabia fazer, não estarão em seu caixão, o que entristece ainda mais a voz da pequena narradora: [...] onde antes se assentavam contas lustrosas, feitas de água e de céu, agora corria um crespo enfeite de renda prateada, que brilhava muito, à luz dos círios. (MEIRELES, 2003, p. 16) Ao invés da clareza e polidez das contas, há certa aspereza do enfeite de prata. O caixão estava cheio de flores, Mas não houve raminho amarrado com a graça, com o sentimento dos que Josefina amarrou para tanta gente [...] (MEIRELES, 2003, p. 18). Seus pequenos arranjos e seus significados secretos parecem intensificar o sentimento de perda pela morte da personagem.

Os adultos aparecem apenas ao longo do enterro da menina. Observe-se a diferença entre o colar de *contas lustrosas, feitas de água e de céu* em oposição ao *crespo enfeite de renda prateada, que brilhava muito à luz dos círios*. O enfeite parece carregar algo como uma falta de delicadeza dos adultos em não manterem Josefina como ela era em vida. Eles a vestem com roupas muito diferentes das quais ela utilizava normalmente: ela fora vestida como um anjo. Diz-nos a narradora:

Nunca soube quem lhe deu o vestido de cetim, a coroa de prata, para ser enterrada como as santas dos altares. Em redor de seu pescoço, onde antes se assentavam as contas lustrosas, feitas de água e de céu, corria agora um crespo enfeite de renda prateada, que brilhava muito à luz dos círios. (MEIRELES, 2003, p. 16).

A tradição de vestir as crianças que morrem como anjos remonta às práticas introduzidas pela igreja católica no Brasil desde a presença dos jesuítas, sendo herdadas do

4 No original: “Le premier fait [l’objet dit biographique] partie non seulement de l’environnement mais aussi de l’intimité active de l’usager (l’Umwelt); l’objet et l’usager s’utilisent dans ces cas mutuellement et se modifient l’un par l’autre dans la plus étroite synchronie.”

catolicismo medieval (COSTA, 1989, p. 160-1). As crianças representavam a imagem da pureza e da inocência nos eventos religiosos já no século XVI brasileiro: *O “anjinho” era venerado e circulava em todos os recantos culturais da Colônia. Nas festas religiosas, meninos e meninas desfilavam vestidos/as de anjos, reativando periodicamente esta imagem da infância.* (CORAZZA, 2000, p. 143). No estudo “A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem”, Miriam Moreira Leite relaciona diversos textos memorialísticos, tanto de moradores da colônia, do clero, como de viajantes. Dois desses viajantes, os pastores protestantes missionários Kidder e Fletcher assim descreveram as procissões de anjinhos:

Pequerruchas de oito a dez anos são geralmente escolhidas para servirem de anjinhos, sendo para isso preparadas com as mais fantásticas vestimentas. O principal objetivo destas vestimentas é exibirem um corpete e duas asas; a saia e as mangas são de grandes dimensões, utilizando-se para isso rodas e armações de vime, nas quais flutuam sedas, gazes, fitas, rendas, lantejoulas e plumas de diversas cores. Na sua cabeça colocam uma espécie de tiara. Seus cabelos caem em anéis pelo rosto e pelo pescoço, e o ar triunfal com que marcham mostra como plenamente compreendem a honra de ser o principal objeto de admiração (LEITE, 1997, p. 41-42).

Observemos que as vestimentas por eles citadas, excetuando-se o corpete e as asas, em muito se assemelham às que vestem a menina morta do conto de Cecília Meireles. A predominância do branco, os enfeites de cabelo (tiaras, coroas), os tecidos e adereços leves e brilhantes (*sedas, gazes, fitas, rendas, lantejoulas*, frente ao “canteiro de seda” no qual se transforma a falecida).

Assim, também a criança morta recebe a designação de “anjinho”, não raro a morte de um inocente era vista, desse ponto de vista, como uma felicidade, uma vez que a criança deixara o mundo sem sofrimentos e teria certeza de salvação:

Mas foi sobretudo no culto à criança morta que a força desta representação manifestou-se com mais limpidez. A criança morta, o “anjinho”, mereceu uma devoção especial da cultura familiar dos primeiros tempos. Fenômeno que não escapou à observação dos viajantes estrangeiros, cujas mentalidades secularizadas escandalizavam-se diante dessa reação à morte. (COSTA, 1989, p. 160).

Por seguirem esses costumes, os adultos afastam-se ainda mais da narradora da história. Ela quer levar sua amiguinha morta para o lugar onde brincavam, ao jardim, talvez por considerar que esse seria o rito de passagem ideal para ela:

E eu ficava por ali, triste e despercebida, querendo brincar com suas mãos tão claras e seus negros cabelos

copiosos. Querendo levá-la para o jardim, para aquele recanto de águas e pedras desmoronadas onde moravam borboletas e libélulas, para aquelas sombras cheias de aranhas e pássaros... (MEIRELES, 2003, p. 16-7).

É possível perceber uma oposição entre o recinto fechado da casa apertada que *cheirava a chácara, a cera, a luz, a café* e o espaço aberto do jardim. Não estaria o corpo de Josefina mais livre no jardim? Perguntamo-nos o que teriam achado os adultos (do conto) de semelhante ideia. Provavelmente teriam achado um desrespeito à menina morta, a sua memória e decência. Ou talvez eles não dessem ouvidos a um desejo tão bobo de criança.

Narrativas da dor e da perda

Não há ninguém que dê atenção à narrativa da amiguinha que assiste ao velório. Todos estão preocupados com a realização correta dos rituais pós-mortuários: o velório, a procissão com o corpo, o enterro.

A importância da escuta daquele que sofre ou sente dor, ou mesmo do doente no tratamento, é uma das questões abordadas pelos estudos especializados em humanidades médicas (KLEINMAN, 1988; CHARON, 2004, 2005 e 2011). Uma de suas mais proeminentes pesquisadoras, Rita Charon propõe uma “novelização do corpo” (CHARON, 2011, p. 16), a partir da qual a narrativa do paciente contribui para otimizar o diagnóstico e humanizar o tratamento médico. Ouvir atentamente os relatos de dor e sofrimento torna-se uma diretiva importante para o relacionamento médico-paciente. A Literatura também observa essa relação, uma vez que a morte, consequência muitas vezes de estados mórbidos, também é um de seus temas universais.

A criança doente e o motivo da morte

Josefina, sabemos pela narrativa, é doente e frágil. A personagem morre por conta de uma doença não tratada. A figura do médico tem sua força por conta de sua ausência. A falta de cuidados e medicamentos adequados é considerada pela narradora como o fator responsável pela morte de sua querida amiguinha. A menina sofreria, provavelmente, de tuberculose:

Mas, ao entardecer, Josefina dirigia seus passos, nuns sapatinhos pequenos como os de qualquer criança, como folhas entre folhas, para dentro de casa: *porque, ultimamente, tossia; – e era tão pálida, tão débil! – e tão pobre que só podia se tratar com água de melissa e rebuçados.* (MEIRELES, 2003, p. 15, grifos nossos).

Os sintomas da tosse – “que ela abafava num lençinho, com seus dedos tão brancos” (MEIRELES, 2003, p. 15) –, da palidez e da fraqueza apontariam para esse diagnóstico. Josefina era uma criança doente que se cuidava sozinha

(“Não tinha pai, nem mãe”). Não haveria a figura do adulto responsável por cuidar da criança, protegê-la das doenças. O tratamento insuficiente, com “rebuçados”, que seriam remédios caseiros semelhantes aos “lambedores”, é apontado como um motivo apressador da morte. Xaropes caseiros não curariam a doença da menina: [...] *morrera (eu o sabia! Eu o sabia!) porque só tinha podido tomar água de melissa e rebuçados para a sua tosse.* (MEIRELES, 2003, p. 15).

No ensaio “Doença como metáfora”, Susan Sontag aponta a estetização da tuberculose a partir do Romantismo, a qual culminou na afirmação “[d]o aspecto tuberculoso, que simbolizava uma vulnerabilidade atraente, uma sensibilidade superior” (SONTAG, 2007, p. 31). Com isso não queremos dizer que o narrador torna bela a personagem pelos sintomas da doença, mas que a descrição dos sintomas contribui para a representação da fragilidade e da suavidade de Josefina.

Essa imagem de suavidade e beleza Cecília Meireles também a delinea no poema “A menina enferma”, publicada em *Viagem* (1939), cuja terceira parte nos chama a atenção pela similitude temática com o conto aqui observado:

[...]

III

A menina enferma passeia no jardim brilhante,
de plantas úmidas, de flores frescas, de água cantante,
com pássaros sobre a folhagem.

A menina enferma apanha o sol nas mãos magrinhas:
seus olhos longos têm um desenho de andorinhas
num rosto sereno de imagem.

A menina enferma chegou perto do dia tão mansa
e tão simples como uma lágrima sobre a esperança.
E acaba de descobrir que as nuvens também têm movimento.

Olha-as como de muito mais longe. E com um sorriso
de saudade
põe nesses barcos brancos seus sentimentos de eternidade
e parte pelo vento claro.

(MEIRELES, 2001, p. 312, v.1.)

O jardim também é espaço da experiência de vida dessa menina enferma, um lugar onde ela fica imersa na natureza, entre os elementos (ar e água) e os animais (geralmente os menores e ainda os insetos). As mãos delicadas e finas, o semblante sereno “de imagem”, antecipando que se tornaria um “anjinho”: *E com um sorriso de saudade/põe nesses barcos brancos seus sentimentos de eternidade/e parte pelo vento claro.* Esse “sorriso de saudade” imprime nessa outra menina doente, tal como o colar de contas em Josefina, uma certa alegria em meio à tristeza e à dor.

Cerrando a cortina, que, no entanto, esvoaça ao sopro do tempo

Josefina nos foi apresentada pela pequena narradora como uma menina delicada e doente, que guardava a sabedoria esquecida de fazer “[...] raminhos [de flores] de trazer ao peito, de colocar diante dos santos, de pousar nas mãos dos mortos [...]” (MEIRELES, 2003, p. 13), num tempo onde cada flor tinha um significado especial e secreto. No vínculo de amizade entre as duas, Josefina já era considerada especial quando brincavam no jardim. A magia já envolvia seus vestidinhos tristes e as contas lustrosas que os alegravam. Os adultos não reconhecem esse mundo vivido pelas personagens e preferem seguir os costumes da época, vestindo-a como um anjo (vestes brancas, enfeites brilhantes) depois de morta.

A perda da “arte” de amarrar raminhos de flores e de conhecer os significados secretos de cada flor e o momento propício para utilizar cada uma delas está diretamente relacionada à divisão entre os mundos infantil e adulto. No entanto, pela escuta dos relatos de infância (ou das crianças) esse hiato pode se tornar menor, esses universos talvez possam se aproximar e, quem sabe, seja possível resgatar tantas “pequenas artes” como as dos nomes verdadeiros das cores, das coisas, a de falar a linguagem dos animais e dos objetos; dons aos quais, de uma maneira geral, apenas as crianças teriam acesso. Se é fato que os adultos, uma vez tendo abandonado o reino da infância não têm mais acesso a ele, uma aproximação aberta e sincera, com compromisso de escuta atenta pode aconchegar ainda mais crianças e adultos, médicos e pacientes, jovens e idosos. E porque não poderíamos, os adultos, ser acolhidos nas margens do reino mágico da Infância seguindo o conselho do poeta Manoel de Barros quando diz: *Como não ascender ainda mais até na ausência da voz? (Ausência da voz é infância, com t, em latim.) Pois como não ascender até a ausência da voz – Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo – ainda sem movimento.* (BARROS, 2001, p. 41).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Como encarar a morte. *In: Corpo*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 57.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

_____. *O Homem perante a morte*. Tradução de Ana Rahaça. Portugal: Europa-América, 2000. 1 E-book.

_____. *A história da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Coleção Saraiva de Bolso).

- BARROS, Manuel de. *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BOTO, Carla. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMAN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 11-60.
- CHARON, Rita. Narrative and Medicine. *New England Journal of Medicine*, Massachusetts, v. 350; 9, p. 862-864, fev. 2004.
- _____. Narrative Medicine: A Model for Empathy, Reflection, Profession, and Trust. *Journal of the American Medical Association*, Illinois, v. 286, n. 15, p. 1897-1902, jun. 2001.
- _____. The Novelization of the Body, or, How Medicine One Another. *Narrative*, Ohio, v. 19, n. 1, p. 33-50, jan. 2011.
- FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMAN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 11-60.
- CHOMBART DE LAUWE, Marie-José. *Um outro mundo: a infância*. Tradução de Noemi Kon. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- CORAZZA, Sandra Mara. *História da infância sem fim*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- COSTA, Jurandir F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- DELUMEAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac; Sesc SP, 2007, p. 39-52.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos: seguido de "Envelhecer e morrer"*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KEHL, Maria Rita. Elogio do medo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac; Sesc SP, 2007, p. 89-110.
- KENNEDY, David. As raízes do estudo da infância: história social, arte e religião. In: KOHAN, Omar Walter e _____ (Orgs.). *Filosofia e Infância: possibilidades de um encontro*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 129-159.
- KLEINMAN, Arthur. *The illness narratives: suffering, healing, and the human condition*. New York: Basic Books, 1988.
- KUHLMANN JR., Moysés. *Infância e Educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *História social da infância no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 229-250.
- LEITE, Miriam L. M. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos C. de (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 17-50.
- MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Londrina: Eduel, 2012.
- MEIRELES, Cecília. *Giroflê, giroflá*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- _____. *Poesia Completa*. Organização de Antonio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2. v.
- MORIN, Violette. L'objet biographique. In: *Communications*, 13, 1969. p. 131-139. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1969_num_13_1_1189> Acessado em 2 de julho de 2013.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. *La Littérature générale et comparée*. Paris: Armand Colin, 1994.
- RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, Aids e suas metáforas*. Tradução de Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SOUILLER, Didier & TROUBETZKOY, Wladimir. *Littérature Comparée*. Paris: PUF, 1997.
- WOLFF, Francis. Devemos temer a morte? In: NOVAES, Adauto (Org.). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac; Sesc SP, 2007, p. 17-38.

